



Semiose da Tradução ou Tradução da Semiose?¹

Mariza de Fatima Reis²

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

Este trabalho objetiva, a partir de estudo sobre a evolução de algumas teorias lingüísticas aplicadas aos estudos da tradução, com foco na questão da “fidelidade” ao significado do texto original, ampliar os modelos de análise de legendação de filmes estrangeiros para o parâmetro de análise semiótica proposto por Maria Lucia Santaella na publicação *Matrizes da Linguagem e Pensamento* (Iluminuras, 2001).

Palavras chave

legendação, percepção, análise semiótica

Introdução

Nossa inquietação relaciona-se aos aspectos de percepção de signos extra lingüísticos implícitos na recepção das linguagens de narrativas de filmes pelo legendista, mediada pela sua representação nas legendas em linguagem verbal, fator considerado preponderante para que seja estabelecida noção de “fidelidade” ao original. Desta forma, aplicaremos o método semiótico à cena do filme *Patch Adams, O amor é contagiante*, Universal Studios, 1998, procurando sugerir reflexão metodológica sobre o ensino de tradução.

Santaella (2001) argumenta que todas as linguagens são híbridas. Sua hipótese norteadora é a de que, subjacente à multiplicidade manifesta dos processos sígnicos, escrita, oralidade, pintura, fotografia, música, cinema, etc., há apenas três matrizes lógicas a partir das quais, por processos de combinações e misturas, originam-se todas as formas híbridas de linguagem e processos de comunicação.

Caracterizar um tipo de linguagem dentro de uma matriz encontrando um princípio de dominância lógica que marca prioritariamente este tipo de linguagembusca de uma coluna dorsal a partir da qual possam ser

¹ Trabalho apresentado no GT – Teoria da Comunicação, do Inovcom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação da Rede Sudeste.

² Doutoranda do Curso de Comunicação e Semiótica da PUCSP e Docente da Cadeira Ciência da Comunicação para o Curso Propaganda, Publicidade e Criação (Universidade Presbiteriana Mackenzie), e-mail: marizareis@mackenzie.br



analisados os graus de variação e outros modos de articulação dos outros níveis sónicos em relação àquele que é proeminente naquele tipo de linguagem. (Santaella 2001, p. 193)

Desta forma, os processos de combinação semiótica passam pelos estágios de: percipium no qual as possibilidades de significação se apresentam como pura qualidade; de percepto, a reação, decodificação que procedemos quando expostos a um estímulo que está fora de nós, porém em contexto para a seguir haver a percepção, forma de codificarmos o estímulo que decorre do hábito que trazemos para a interação que se procede entre o fundamento, o objeto e o interpretante do signo.

Esta proposição, portanto, nos sugeriu investigação sobre a lógica tradutória do legendista, considerando-se que o ato de legendação de filmes se caracteriza pelo fato do percepto, processo de decodificação das linguagens verbal, visual e sonora e posterior codificação destas para a linguagem verbal das legendas encontrar-se exposto à verificação simultânea pelo receptor final.

Acreditamos que as categorizações semióticas apresentadas por Santaella sejam capazes de esclarecer alguns aspectos sobre a importância do reconhecimento das categorias de percipium, percepto e percepção durante a transferência de significado do original, que não foram consideradas pela lingüística justamente por implicarem em aspectos interpretativos subjetivos do intérprete diante de signos extra-lingüísticos.

Lingüística aplicada à tradução

A maioria dos estudiosos de tradução de textos escritos em linguagem verbal até meados de 1980, acreditava que a lingüística como ciência do signo diático pudesse dar conta da transferência do significado do original para o traduzido, dicotomizando o signo entre significante, sua forma, e significado, seu conteúdo, fundamentando-se em aspectos de lógicas sintático-semânticas.

Vinay e D'Albernet (1958, apud Heloisa Barbosa, 1990) acrescentaram a Estilística à Lingüística estrutural; Eugene Nida (1962, *ibid*) tratou a transferência de significados considerando a Língua como um código comunicativo com base na gramática gerativista; Catford (1965, *ibid*) utilizou-se do aspecto pragmático da Lingüística funcional; Vazques-Ayora (1977, *ibid*), utilizou a análise contrastiva de base gerativo-



transformacional e a semântica estrutural. Entretanto, Newmark (1988, *ibid*), ao revisar a literatura sobre tradução, recorreu à teoria de Funções de Linguagem de Roman Jakobson, acrescentando ao procedimento de tradução semântica, o de tradução comunicativa.

Segundo John Johnston no artigo *Translation as Simulacrum*, na publicação *Rethinking Translation*, editada por Lawrence Venuti, 1992, Walter Benjamim ao traduzir Baudelaire para o alemão, foi o primeiro filósofo da era pós-saussureana a afirmar que a tradução constitui-se em tarefa impossível de acordo com a teoria estruturalista de Ferdinand Saussure, na medida em que a questão de “fidelidade” imposta ao tradutor implica na existência de uma essência na forma e no conteúdo do texto original. Por não haver a possibilidade de ser alcançada esta exatidão, a tradução sob parâmetros lingüísticos passou a filosoficamente ser considerada um “simulacro”.

Para George Steiner, em *After Babel* (1992/1975), a tradução existe porque os homens falam diferentes línguas e é somente quando somos expostos a esta pluralidade de códigos que refletimos sobre esta “estranha ordem” da linguagem humana no que diz respeito à “verdade” nela contida, sujeita portanto ao foco interpretativo que lhe atribuímos. Utiliza o Mito de Babel para argumentar desde a perspectiva transcendental da linguagem ideal que o Logos do Cosmos, “verdade” universal do mundo que a linguagem espelha, objeto de estudo da semântica como teoria geral do significado, estaria fadado a não ser mais encontrado em nenhuma língua humana, fato que se constitui na maior problematização posta aos teóricos da tradução.

O autor aponta que apesar do desenvolvimento dos estudos lingüísticos ao longo do século passado tanto por intermédio de teorias semânticas de constructo universal quanto o de propostas de gramática gerativa também universal acrescidas das constantes investigações antropológicas a respeito desta peculiaridade da linguagem, a disciplina de tradução necessita de estudos que reflitam sobre a crescente dificuldade encontrada pela lingüística aplicada à tradução na qual os teóricos insistem em confundir potencial de equivalência de significados entre os códigos e as diferenças que ocorrem no cotidiano da tradução.



Desta forma, o processo de codificação e decodificação das mensagens -- apesar de ficar mais evidente quando dizem respeito a códigos diferentes, característica da tradução interlingual, questões sobre tradução intralingual -- devem ser também pesquisadas por implicarem em fatores externos aos estudos da língua como proposto pela lingüística.

Hatim e Masom na publicação *Discourse and the Translator* (1990) acrescentam às análises pragmáticas da língua em uso, a possibilidade do processo de tradução ser pesquisado a partir da dimensão semiótica do contexto. Sugerem que o foco da lógica interpretativa peirciana, como agente regulador da interação entre os signos aos quais o sujeito/tradutor é exposto, deva ser expandido para os estudos da área. Apesar da legenda representar o foco interpretativo por intermédio da linguagem verbal, para Hatim e Masom (1990) a representação da metalinguagem que abrange os signos extra lingüísticos que compõem o significado da mensagem não devem ser desconsiderados.

Diferentemente de Saussure, a abordagem semiótica de Peirce (1931) advoga que começamos a experiência do signo por intermédio de signos não-lingüísticos, exemplo de etiqueta social... que não nos leva a identificações precisas... Entretanto esta abordagem para estudos como o de tradução, oferece ainda um vasto caminho a ser percorrido... esta abordagem tira a semiótica dos limites do signo verbal fato que gera problemas ao analista porém esta barreira se estabelece pela falta termos que possam ser utilizados para nos referirmos a significados não verbais. Questões de metalinguagem....Precisamos de um conjunto coerente de sistemas classificatórios... (Hatim, 1990 p. 108). (tradução minha)

Posteriormente, Hatim e Masom na publicação *O Tradutor como Comunicador* (1997) reiteram a necessidade de ser desenvolvido um método semiótico para análise de tradução de legenda. Relacionam estudos da área desenvolvidos por Lambert (apud Hatim, 1997), que coloca o tradutor como mediador da comunicação, que joga e tenta, de acordo com as regras particulares de confecção de legenda, fornecer um guia-alvo para o espectador continuar no texto fonte, coerentemente com a percepção visual da ação na tela.

Acreditamos que as soluções encontradas pelo legendista diante dos limites impostos pela temporalidade da narrativa filmica constituem-se em lógica perceptiva passível de análise semiótica, por representar explicitamente o processo interpretativo do tradutor das linguagens híbridas expostas em tela. Processo este que -- apesar de sofrer restrições tais como; a necessidade da substituição da fala pela escrita, em casos entre outros de



dialetos não passíveis de padronização como entonação; as limitações físicas de espaço disponível entre 33 e 40 toques de no máximo duas linhas que se apresentam com a velocidade dos diálogos sonoros de no mínimo dois segundos e máximo de sete segundos em tela e, principalmente, a necessidade de coerência entre imagem e legenda, prova não afastar o receptor final do original.

Problematizações

Se considerarmos que o cinema é composto de linguagens híbridas diferente do vídeo descritivo, pois apresenta a narrativa seqüencial e que os filmes dirigem a retina mental do espectador para o jogo visual /verbal e sonoro criado por este tipo de narrativa, ao assistirmos a um filme legendado, o foco da tradução representado por uma única linguagem, no caso a verbal, delimitaria ou complementaria a nossa percepção visual, sonora e verbal dos signos que compõem a narrativa seqüencial da cena?

Os estudos sobre a representação pela linguagem verbal das linguagens híbridas por intermédio das categorizações do signo triádico peirciano desenvolvido por Santaella nos permitiriam ir além, como sugerido por Hatim e Masom da análise pragmática do signo diático?

Seria a semiótica peirciana o caminho a ser buscado para que alguns aspectos fenomenológicos, portanto externos à língua, durante o ato tradutório no que diz respeito à “fidelidade” ao original pudessem ser esclarecidos?

Semiótica aplicada à legendação

a) Descrição da cena: Patch Adams (PA) e Rudy (R), dois internos de Hospital Psiquiátrico, estão à noite dormindo. Rudy, por temer esquilos imaginários e não querer levantar-se para ir ao banheiro, faz barulho na cama e acorda Patch. Após argumentar com Rudy em vão, quanto ao caráter inofensivo dos esquilos, Patch simula um ataque, no qual Rudy participa ativamente, aos supostos animais e finalmente Rudy consegue ir ao banheiro.

b) transcrição das legendas

PA – Rudy, pare. Está me perturbando o ritmo.



Vai ficar cego. Por favor.
R – Preciso ir ao banheiro
PA – Então vá. Fica lá. A 5 metros daqui.
R – Quero ir, mas...
PA – O quê? Os esquilos? Quantos?
R – Só um.
PA – Não vai ao banheiro por causa de um esquilo?
R – Se eu for, ele chama os outros.
PA – A questão não é essa. São esquilos.
Esquilos, Rudy. As criaturinhas mais doces da terra.
R – Não são.
PA – Na lista dos predadores, só ganham dos pintinhos e lesmas.
Tem medo que comam tuas bolas?
R – Será?
PA – Ora, Rudy. Vamos, eu te levo
R – Não se mexa. Não se mexa.
PA – Tem outro?
R – No pé da cama. Na grade.
Cuidado vai pular. Tem outro! Na beira da cama!
Tem um no esguicho de incêndio.
Na porta! Na porta! Na porta?
Está saindo do banheiro! Banheiro! Banheiro!
PA – Engole chumbo, peste!
R – No teu ombro!
PA – Tira de cima de mim! Precisamos de proteção!
Se esconda!
R – Vamos construir um forte! Um forte! Um forte!
PA – Abaixa. Foram embora.
Acho que podemos ir ao banheiro.
R – Não é perigoso!
PA – Não há perigo, se temos... Isto.
R – Uma bazuca.
PA – Carregue. Vamos, já!

No caso de narrativa filmica, as formas visuais em movimento já são híbridas por não se encontrarem em estado puro de manifestação, estão impregnadas de tempo, princípio da seqüência, tanto em seu aspecto sonoro quanto no verbal. O discurso narrativo da cena em questão apresenta um referencial otimizado de temporalidade e, se considerarmos a classificação das formas como figurativas, encontramos na cena a conexão dinâmica como registro, no caso imitativo de gestos e sons que simulam o ataque aos esquilos imaginários. Por serem figurativas, as imagens são indexicais e referenciam. Tal só acontece por haver uma similaridade neste caso denotada pelo visual, sonoro e pelo verbal da legenda, acrescentando seu nível icônico e mimético ao índice degenerado. Quando Patch e Rudy se utilizam de gestos e sons ao atacarem os esquilos, se considerarmos o Objeto como o contexto ao qual o signo se aplica, quanto maior a



tradução da percepção das linguagens como qualitativo, mais próximo da classificação de índice genuíno fica a semiose da audiência em relação aos signos lingüísticos e extra lingüísticos da cena. O aspecto imitativo do registro físico nesta cena indica a relação entre o aspecto icônico no domínio do sin-signo indicial dos gestos de Patch que ao compartilhar o referente de Rudy quanto à existência dos esquilos na cena, mesmo que imaginários, facilita o aspecto intersubjetivo da significação. Entretanto, se considerarmos que a audiência não entende a linguagem verbal do texto de saída, o foco da percepção é naturalmente deslocado para a legenda e o índice se apresenta como degenerado.

O aspecto narrativo espacial acontece em nível de legi-signo simbólico na medida em que os esquilos são referenciados visualmente e verbalmente por Rudy e transportados para a legenda. O signo, antes do registro físico de Rudy quanto à existência de esquilos, era pura possibilidade e virou dicente, pela expressão de aceitação daquela verdade em contexto e posterior reação dos protagonistas ao conflito da narrativa vivenciada por ambos, em consenso. Ao compartilhar esta produção de significado com Rudy e mirar os esquilos com sua arma objetivando matá-los para que Rudy possa atravessar o quarto e chegar ao banheiro, Patch utiliza o aspecto legi-sígnico dos argumentos da seqüência narrativa que se significam no tempo e no espaço representados pela legenda. Esta representação simbólica se concretiza pelas linguagens visual, sonora e verbal da simulação de uma bazuca utilizada por Patch e Rudy, caracterizando o hibridismo da narrativa.

A legenda se propõe a representar a sucessividade cronológica das ações, por se tratar de um diálogo entre Patch e um esquizofrênico. A causalidade difusa levanta questões sobre os aspectos de ficção e realidade compartilhados pelos protagonistas, os quais atingem um consenso sobre a existência ou não de esquilos para solucionar o conflito inicial da narrativa que era o da necessidade de Rudy ir ao banheiro. As formas representativas da linguagem visual que se concretizam quando o foco da dominância desloca-se para a relação signo interpretante, provocam uma reação no intérprete, permitindo a seqüência da semiose da narrativa as quais podem ser exemplificadas pelas imagens: de Rudy ao demonstrar que quer ir ao banheiro balançando-se na cama, provocando sons até acordar Patch e pela imagem de Patch ao demonstrar satisfação ao ouvir o som de Rudy no banheiro, corroboradas pela respectiva



representação pela linguagem verbal das legendas. Patch, ao compartilhar a referencialidade da existência fictícia dos esquilos em contexto com Rudy, mediatiza a causalidade da narrativa ao agir em consenso com o colega e auxilia no desfecho positivo da interação comunicativa proposta pela cena ao ouvir o barulho que Rudy faz ao ir ao banheiro.

Primeiras conclusões.

Ficou claro que a legenda opera como facilitador de percepção do original. Pelo fato da temporalidade se impor por intermédio da necessidade de acompanhamento pelo receptor final das três linguagens que se complementam, concluímos parcialmente que o questionamento quanto à limitação ou complementaridade da representação da narrativa traduzida da linguagem verbal/oral do texto de saída na legenda não desloca a percepção do receptor final da mensagem. Portanto, a legenda como signo mediador das linguagens híbridas nesta tipologia de narrativa seqüencial traduzida para a linguagem verbal pode ser considerada hipoícone, sin-signo ou legi-signo em relação ao objeto que representa, não problematizando o foco que o receptor final deve manter para acompanhar a narrativa do original. Fica em aberto a possibilidade de aplicação da categorização desenvolvida por Santaella (2001) a estudos sobre o processo de legendação, a fim de ser desenvolvido parâmetro de análise sob aspecto de tradução de semiose, expandindo os modelos semântico-pragmáticos. Neste a noção de *semiose da tradução* abarcaria aspectos da representatividade das linguagens da narrativa filmica em legenda verbal, implicando que a *tradução da semiose*, possa atender à inquietação desta prática no que diz respeito ao alcance da “fidelidade” ao texto original.

Bibliografia

BARBOSA, H. *Procedimentos Técnicos da Tradução*. Pontes: Campinas, 1990.

HATIM, B. and MASON, I. *Discourse and Translator*. Longman: New York, 1990.

The Translator as Communicator. Longman: New York, 1997.



JOHNSTON, J. *Translation as Simulacrum*. In: VENUTI, L.(org.) *Rethinking Translation*. New York: Routledge, 1992 p. 42-55

SANTAELLA, L. *A Percepção*. Experimento: São Paulo, 1993.

_____ *Matrizes da Linguagem e Pensamento*. Iluminuras: São Paulo, 2001.

STEINER, G. *After Babel*. New York: Oxford, 1992...